

Reviravolta tipográfica

Após ler meu próprio texto, publicado nesta revista no seu nº 40, senti algumas dificuldades de compreensão. Só com um cuidadoso trabalho de revisão, pude perceber a reviravolta tipográfica pela qual meu artigo passou e saiu impresso. À parte toda uma série de mudanças na pontuação ou de pequenas alterações mais visíveis ao leitor desavisado, há lapsos bastantes graves. Segue-se a errata do artigo, "Obsceno e Nacional". Página 50, coluna 2, linha 11, (de) olho (para) olhar; página 51, coluna 2, linha 13, (de) escultor (para) escritor; coluna 3, linha 4, (de) olhos vistos (para) "olhos vistos"; linha 27, (de) éticas (para) "éticas"; linha 33, (de) um verbete (para) num verbete; linha 34, (de) um noticiário (para) num noticiário; p. 52, c.1, l.2-3, (de) à meda (para) à medida; c.2, l.45, (de) metidação (para) meditação; c.3, l.48, (de) de representação (para) dá representação; p.53, c.2, l.9, (de) de nacionalidade (para) da nacionalidade; l.10-11, (de) realidade (para) religiosidade; l.34, (de) morte de cinema (para) "morte de cinema"; l.42, (de) recurso de (para) recurso das; c.3, l.26, (de) intimado (para) intimidado; l.45, (de) culto das (para) culto às; p. 54, c.2, l.22, (de) dentro desta (para) dentro de cada; l.24, (de) deste deslocamento (para) este deslocamento; l.27, (de) representado (para) apresentado; l.36, (falta a linha) O real cinematográfico foi intensificado, à beira da encenação; c.3, l.8, (de) ateve (para) atreve; l.10, (de) sob à (para) sobe à; l.12, (de) populistas que (para) populistas o que; l.23, (de) postura e (para) postura com uma; l.51, (de) foi respaldado (para) que respaldos; l.52, (de) com que (para) com a qual; l.64, (de) só diz (para) se diz; p.55, c.2, l.33, (de) internacional delicado

(para) internacional de delicado *mu-zak*; c.3, l.12, (de) o que irreduzível (para) o que é irreduzível; p. 56, c.1, l.5, (de) efeito (para) efeito de; c.2, l.8, (de) historicizado com (para) historicizado como; c.3, l.26, (de) traços (para) laços; l.31, (de) Jorge e está (para) Jorge está; p.57, c.1, l.37, (de) aquilo o cerne (para) aqui o cerne; c.2, l.29, (de) a crença revolucionária (para) a crença na burguesia nacional como etapa revolucionária; l.31, (de) psicológico (para) patológico; l.54, (de) auto-gestação (para) autogestão; p.58, c.1, ll.37-38, (de) primeiros (para) próprios.

Vinícius Dantas

O encantamento de Mauro

Mesmo se não existisse o Cinema Novo e não fossem tão pródigos os nossos cineastas, é possível que Humberto Mauro, sozinho valesse por toda uma cinematografia brasileira. Não tanto pelo número de filmes realizados, mas sobretudo pelo sentido de brasilidade que os impregna e pelo que sua obra tem de singular e ao mesmo tempo de universal.

Nós o alcançamos, nos primeiros anos 60, quando ainda dirigia uma parte do antigo Instituto Nacional de Cinema Educativo, na Praça da República, no Rio. Chegáramos eu e João Ramiro Mello, provincianos apatetados com o alvoroço que a rapaziada do Cinema Novo começava a fazer e a prometer. Vínhamos da Paraíba montar o documentário *Romeiros da Guia*, realizado logo após o sucesso de *Aruanda* e produzido pelo INCE. Ali, todo fim de expediente se formava um pequeno grupo (cineastas de passagem, os técnicos do Instituto, amigos de Mauro) a ver copióes, a discutir ou simplesmente - ou principalmente - curtir as piadas e os chistes irreverentes do *velho Mauro*. Já havia acontecido o célebre Festival de Ca-

taguases, onde o pessoal do Cinema Novo havia descoberto e adotado o cineasta mineiro como o *pai de todos*, e a ronda dos novos em torno do autor de *Ganga Bruta* era inevitável. Uma vez, eu e Ramiro tomamos o elevador com um lourinho sardento e magro, e outro com jeitão mais brasileiro carregando um montão de latas de filme. Era *Cinco Vezes Favela* que iriam mostrar para uma comissão no INCE. Os dois jovens, ficaríamos sabendo em seguida, eram Ca-



O ateliê de Mauro em Volta Grande

cá Diegues e Leon Hirszmann, debutantes apaixonados e adeptos de Mauro. Por timidez, somente muito depois é que traváramos conhecimento com esses dois líderes do movimento que surgia.

Dessa época, guardo uma recordação muito forte, justamente ligada à figura generosa, de suave trato humano, sensível às inquietações daqueles que começavam a se acercar do cinema, que foi Humberto Mauro. Egressos de um meio culturalmente obscuro, onde éramos tidos apenas como rapazes inteligentes mas inconseqüentes, enfrentávamos pela primeira vez o impacto da grande cidade, onde tudo era novidade para nós. Um misto de medo e euforia nos dominava. Medo do desconhecido e euforia pela possibilidade de conhecer de perto os monstros sagrados de que tanto ouvíamos falar. Passávamos horas a fio trancados na sala de montagem na tentativa de dar uma estrutura